

Discurso de encerramento das Conferências do Estoril 2019, Nova SBE, Carcavelos

Exmo. Senhor Ministro das Finanças. Professor Doutor Mário Centeno,

Magnifico Reitor da Universidade, Professor Doutor João Sàágua,

Minhas senhoras e meus senhores,

Estamos nos últimos minutos das nossas Conferências do Estoril.

Levamos horas de debates neste palco.

Muito foi dito. Muito foi dito do muito que foi e está a ser feito.

Mas muito está agora por fazer.

Depois das palavras, este é o tempo a ação.

Eu estou preparado para a ação. Mas antes dela, prioridade á justiça.

E é da mais elementar justiça fazer alguns agradecimentos.

Obrigado aos nossos patrocinadores e media Partners.

Cruciais para que a nossa palavra de mudança tenha mais força e chegue mais longe.

Obrigado aos nossos oradores e moderadores. Eloquentes ou agitadores. Modestos ou poderosos.

Populares ou desconhecidos. Por este palco passaram pessoas de todas as latitudes geográficas, políticas e religiosas. Mas todos eles foram fiéis ao espírito livre do Estoril.

Uma palavra à nossa Clara de Sousa.

A Clara de Sousa é a primeira pessoa a entrar neste palco no primeiro dia. É a última pessoa a sair deste palco no último dia.

A Clara de Sousa é a cara destas Conferências. Trabalhar com gente competente é uma sorte.

Trabalhar com gente competente e que se admira é um privilégio. Obrigado Clara.

Por fim, obrigado à minha equipa na Câmara Municipal de Cascais.

Ouço por todo o lado um enorme preconceito contra as instituições públicas, contra os serviços públicos, contra os funcionários públicos

Vamos lá acabar com essas *fake news* preconceituosas: se um exemplo fosse preciso de como os funcionários públicos são tão bons quanto os melhores, tão competentes e dedicados como os mais competentes e dedicados, os trabalhadores da câmara de Cascais provam-no diariamente.

E eu, enquanto líder desta equipa, tenho o maior orgulho em vós.

Na pessoa do vice-presidente Miguel Pinto Luz, e da Teresa Violante, que juntamente com o Bernardo Correa de Barros são os pilares destas Conferências, deixo um enorme obrigado.

Que uma autarquia possa realizar um projeto com o impacto das Conferências do Estoril é muito revelador da nossa ambição e da nossa forma particular de estar e intervir no mundo.

Criámos as Conferências para provar que desafios globais podem, mas podem mesmo, ter respostas locais.

Baptizamo-las com o nome "Estoril" para que herdassem o DNA de tolerância, abrangência e cosmopolitismo típico da nossa terra.

É por isso que as Conferências são muito mais do que um projeto ou um lugar.

Elas são parte de nós.

Elas são uma missão.

São reflexo do espírito curioso da nossa comunidade.

São extensão desta nossa eterna predisposição globalista.

São crença na bondade humana e no poder transformador das ideias e dos indivíduos.

Portugal ganhou, por iniciativa de uma autarquia, um espaço de reflexão internacional que se posicionou como alternativa ao radicalismo de Porto Alegre e à ortodoxia de Davos.

Senhor Ministro,

Esta realização é a prova de que o poder local pode, quer e sabe fazer.

É evidente que o Estado Central não pode fazer tudo sozinho. E tantos são os desafios que temos pela frente.

Mas então porque é que não olhamos para o outro lado da mesma moeda, para o outro Estado: as autarquias.

Se fomos capazes de levar estas conferências ao mundo, também seremos capazes de trabalhar mais e melhor na nossa educação pública; mais e melhor no nosso SNS; mais e melhor nos nossos transportes.

Saiba, senhor ministro, que tem nesta Câmara um parceiro.

Um parceiro capaz de assumir as suas responsabilidades, capaz de defender o Estado Social, capaz de fazer mais e melhor.

E sobretudo - esta parte que qualquer ministro das Finanças gostará de ouvir - capaz de fazer mais e melhor com menos recursos financeiros, garantindo robustez económico-financeira, mesmo quando em muitas situações o nosso Estado Local substitui e ajuda o Estado Central.

Minhas senhoras e meus senhores,

Como hão-de ter notado, as conferências mudaram-se do Centro de Congressos para este magnífico campus da NOVA SBE.

Esta é a nova casa das Conferências.

Esta nova casa corresponde à abertura de um novo ciclo.

Passamos o testemunho desta organização à Universidade Nova, aos seus professores e, sobretudo, aos seus alunos.

Se os jovens são o futuro, então o futuro das conferências só pode estar nas mãos dos que fazem o mundo girar.

Quem era jovem na década de 60 e 70 tinha no que acreditar. Havia comunistas e capitalistas, esquerda e direita, radicais e reacionários. E um muro a dividir o mundo.

Quem nasceu nos anos 80 e depois disso, tem o seu horizonte de crenças mais limitado.

Isto não é alheio ao facto de, durante os últimos trinta anos, a globalização ter apontado para a satisfação material das sociedades.

A finalidade coletiva, em particular no ocidente, resumiu-se à acumulação de riqueza privada que foi acompanhada de um paradoxal empobrecimento do espaço público.

Reparem como muitas das nossas coisas já não têm valor, só preço.

Reparem como a sociedade confunde os conceitos de justiça e utilidade.

Reparem como se esbateu a fronteira entre o que bom e o que é mau, entre o que é certo e o que é errado.

Reparem, por fim, como nos tornámos tão profundamente individualistas com os nossos ipads, ipods, iphones, símbolos de tantos "eus" e de tão poucos "nós".

Há um inegável vazio motivado pelo individualismo.

A boa notícia é que podemos mudar isso porque sabemos que algo está mal.

Temos de conceber alternativas a este estado de coisas.

Ouvimos nestes dias falar sobre a crise das instituições.

Se as instituições supranacionais estão em crise; se os estados nacionais estão em crise; sobra a sociedade para nos livrar da crise. E dentro da sociedade, os jovens. Os nossos jovens.

Este é, por isso, o tempo que pede o regresso das pessoas e dos jovens à vida política.

É muito fácil passar a vida a distribuir culpas pelo atual estado de coisas.

É fácil dizer que a culpa é dos professores que não educam, que a culpa é dos partidos que não representam, ou dos governos que não governam.

Mas o que é que cada um de nós, em consciência, faz para que a educação comece em casa;

para que os partidos sejam mais democráticos;

ou para que os governos sejam mais escrutinados...

Não podemos mais lavar as mãos como Pilatos.

Alguém dizia que a liberdade exige responsabilidade - e que é por isso que tantos têm medo dela.

O medo é a negação do homem.

A justiça global, que procuramos nestas conferências, não se compadece com o medo ou o conformismo. Ela exige ação e coragem.

É possível ter uma ordem mundial onde o indivíduo conta, onde a comunidade conta, onde a cultura e a identidade contam.

É possível influenciar do particular para o geral, de baixo para cima, do indivíduo para o mundo. Do infinitamente pequeno para o imensamente grande.

É isso, no fundo, o que fizemos aqui nos Estoril durante estes anos todos.

Trabalhar uma ideia de um mundo melhor. Do local para o global.

Levo destes 10 anos de Conferências memórias que se fizeram história que o tempo não apagará.

Mas o momento que me terá deixado a impressão mais duradoura foi feito em português. Por Mia Couto. Num discurso extraordinário sobre o medo. Que acaba assim:

"Os que trabalham têm medo de perder o trabalho; os que não trabalham têm medo de nunca encontrar trabalho; quando não têm medo da fome têm medo da comida; os civis têm medo dos militares; os militares têm medo da falta de armas e as armas têm medo da falta de guerras. E, se calhar, acrescento agora eu: há quem tenha medo que o medo acabe." – fim de citação.

É contra estes, os que têm medo que o medo acabe, que os jovens têm de se erguer.

É contra o projeto político da intolerância e do desespero e da ignorância que os jovens têm de marchar.

E eu sei e confio que esta casa, esta academia, não lhes dará tréguas nem descanso.

E eu sei que nunca vos faltará nem ambição, nem vontade, nem sonho de fazer do mundo um lugar melhor.

As Conferências não terminam nem aqui, nem agora.

As ideias que vos deixámos só agora começam a fazer o seu longo caminho no sentido de tornar o mundo um lugar mais justo, mais democrático e mais solidário.

Temos de assumir a nossa missão, de sermos inspiradores e transformadores, neste novo tempo que seguirá a este tempo de profunda transformação.

O Mundo precisa de novos missionários.

O desafio que vos deixo é que façamos juntos essa extraordinária viagem por uma justiça mais justa e global.

Obrigado.

Carlos Carreiras, Presidente da Câmara Municipal de Cascais

29 de maio de 2019